CORONEL ANNIBAL BARRETTO

Volumes 250-251

FORTIFICAÇÕES DO BRASIL

(Resumo histórico)

DOAÇÃO

C. A. Ramiz Galvão
UFC
Biblioteconomia

Biblioteca do Exército — Editôra

1 9 5 8

CAPÍTULO III

(*Ver Croquis*)

FORTIFICAÇÕES DO CEARÁ

Resumo histórico das fortificações construídas no Ceará na época do Brasil-Colônia.

PREÂMBULO

Pela localização das defesas fixas construídas, no Ceará, no tempo do Brasil-Colônia, pelos lusitanos, certificar-se-á da situação dessas fortificações, que constituiam uma linha defensiva nos pontos nevrálgicos daquelas regiões, e que naquela época, impediriam ou obstariam qualquer penetração de conquistadores no interior dessa parte do Brasil.

CEARÁ

RESUMO HISTÓRICO

Quando D. João III, em 1534, dividiu a costa do Brasil em Capitanias hereditárias, o território do Ceará ficou compreendido entre três doações distintas:

a) dos limites com o Rio Grande do Norte ate o rio Jaguaribe, fazia parte da doação que

coube a João de Barros (100 léguas a partir da Baía da Traição (Paraíba) até o Jaguaribe);

b) do rio Jaguaribe ao rio Mundaú, nas 40 doadas a Antônio Cardoso de Barros;

c) e do rio Mundaú aos limites com o Piauí, nas 75 concedidas a Fernão Álvares de Andrade.

Êsses donatários, por motivos diversos, não puderam dar início a colonização de suas Capitanias.

Em 1586 firmaram-se os portuguêses na Paraíba; e em 1597 já atingiam o Rio Grande do Norte.

Em meado de 1603 Pedro ou Pero Coelho de Souza, português abastado e proprietário na Paraíba, que fôra nomeado Capitão-Mor, partiu da Paraíba para o rio Jaguaribe, acompanhado de Soares Moreno, Simão Nunes e Manoel de Miranda, por terra, com 86 homens brancos e 200 índios, com o fim de tentar colonizar o Maranhão e expulsar os franceses de lá e do Ceará, onde iam se estabelecendo, com o apoio dos índios, que com os quais comerciavam.

Na foz do Jaguaribe construiu os primeiros elementos de um Fortim, conforme veremos adiante.

Do Jaguaribe, com um grande contingente de índios, partiu para Camocim ou Rio da Cruz e daí alcançou o rio Parnaíba (Piauí), de onde retornou ao Ceará, vindo ter à barra do rio Ceará, construindo um Fortim na sua foz e na sua margem direita, denominando-o São Tiago.

Posteriormente, regressou à Paraíba em busca de recursos.

Rertornou ao Ceará, mas à míngua de auxílio, é obrigado a retirar-se para o Rio Grande do Norte, onde faleceu.

Foi, pois, Pero Coelho, o primeiro português a tentar a colonização do Ceará, e o primeiro a lançar os fundamentos de fortificações na sua costa.

Vejamos, agora num resumo histórico, cronológico, como foram disseminadas pelo litoral e interior essas fortificações.

1) *Fortim de São Lourenço* (*Foz do Jaguaribe*)

Construção, Armamento, Guarnição, etc.

A construção dêsse Fortim foi iniciada em 10 de agôsto de 1603, pelo Capitão Pedro ou Pero Coelho de Souza, na margem esquerda do rio Jaguaribe, próximo à sua foz, e entre os rios Paripuera e São Lourenço, no local conhecido por Passagem das Pedras.

Nessa época, Pero Coelho com uma expedição, partindo em junho da Paraíba, destinava-se ao Maranhão, com a finalidade de expulsar daí os franceses, chefiados por Jacques Rifault.

Até 1640, nos mapas, ainda figurava êsse Fortim, ora com a denominação de Presídio, Fortim, ora Fortaleza.

A missão de Pero Coelho, conforme estabelecia o Regimento expedido pela Côrte de Madrid, "era descobrir por terra o pôrto do Jaguaribe, tolher o comércio dos estrangeiros, descobrir minas e oferecer paz aos gentios", "fundar povoações e Fortes nos lugares ou portos que melhores lhe parecerem".

Alcançando o Jaguaribe com sua expedição, composta de 86 soldados e 200 índios, tratou de se proteger contra qualquer ataque dos índios hostis, construindo, pois o Fortim que denominou de São Lourenço.

Daí a construção do Forte, como um meio de defesa contra os selvagens e uma base para vigilância do litoral nessa região.

Sua duração foi efêmera e hoja nada mais resta.

2) *Fortim de São Tiago (Foz do rio Ceará)*

a) Construção, Comandantes, Armamento, Guarnição, etc.

Vitoriosa, em 1604, a expedição de Pero Coelho contra os franceses de Mambile e os índios tabajaras da Ibiapaba, avançou o mesmo até o rio Parnaíba, atingindo o lugar então chamado Punaré, de onde regressou para as margens do rio Ceará ou Itarema, situados a 18 km a oeste de Fortaleza.

Aí na sua foz e na margem direita construiu um Fortim de taipa, que denominou São Tiago da Nova Lisboa ou simplesmente São Tiago.

A povoação que fundou chamou-se Nova Lisboa e essa região passou a chamar-se Nova Lusitânia.

b) Comandantes:

Pero Coelho — 1604
Cap. Simão Nunes Correia — 1604-1605; e novamente, Pero Coelho — 1605.

c) Armamento: Mosquetão.
d) Guarnição: 45 homens.
e) Sua história:

Durante a ausência de Pero Coelho, que foi à Paraíba em busca de recursos, ficou no comando do Fortim o Cap. Nunes Correia. Pelo espaço de 18 meses permaneceu essa guarnição quase sem recursos e sem comunicação com a Paraíba.

Assim, ao regressar ao Forte em 1605, não teve Pero Coelho outro alvitre senão retirar-se com a guarnição para o Rio Grande do Norte (Fortes dos Três Reis Magos), pois os ataques dos índios eram constantes e sem poder serem repelidos.

Ficando o Fortim evacuado e abandonado, com pouco tempo entrou em ruínas e desapareceu.

3) *Fortim ou Forte de São Sebastião (Foz do Rio Ceará)*

a) Construção, Comandantes, Armamento, Guarnição, etc.

A 20 de Janeiro de 1612, o Capitão-Mor Martins Soares Moreno, que fôra tenente do Forte dos Três Reis Magos (Rio Grande do Norte), aportou com 6 soldados e um padre, à barra do rio Ceará.

Aí inicia a construção de um Fortim no mesmo local onde existiu o Fortim de São Tiago, denominando-o Forte de São Sebastião, em homenagem ao Santo do dia de seu desembarque nessa região. Também nessa ocasião construiu, uma Capela com invocação de N. S. do Amparo.

O Forte era um quadrado de estacas de pau a pique e terra, flanqueado por dois baluartes pequenos, também quadrados, localizados em dois ângulos diametralmente opostos.

No seu interior foram construídos alojamentos para a guarnição e depósito para gêneros.

b) Armamento e guarnição:

De início, foi armado com duas peças de ferro e guarnecido com 20 homens, armados de mosquetes.

Posteriormente, sua guarnição foi aumentada para 33 homens. E seu armamento pesado passou a ser o seguinte:

4 peças de ferro de 4 libras e 1 de 2 libras.

c) Comandantes:

Soares Moreno (1612)
Estêvão de Campos
Manoel Brito Pereira

Sargento Almeida Bartolomeu de Brito
Domingos Lopes Lobo (1617)
Soares Moreno, novamente (em 1621)
Domingos da Veiga, sobrinho de Soares Moreno (1631)
Tenente Van Han — holandês (1637)
Tenente Gedian Morris — holandês (1637).

d) Reconstrução:

Em setembro de 1621, Soares Moreno, reconstruiu o Forte que se achava em ruínas. Suas muralhas foram reconstruídas com pedras soltas, numa altura de 3m 30.

Os holandeses reforçaram-no com uma palissada em 1637.

e) Sua história

Êsse Forte prestou relevantes serviços na defesa do litoral, repelindo em 1614 piratas franceses (Dur Prat) e, em 1624 a 1625, naus flamengas.

E 25 de outubro de 1637, depois de heróica resisténcia, caiu em poder dos holandeses, comandados por George Gasrtsman.

Daí, são expulsos pelos selvagens rebelados em janeiro de 1644.

Voltaram a ocupá-lo em 1649, e em 1654 deixaram-no finalmente.

Depois que os holandeses foram daí expulsos em 1644 pelos índios revoltados, o Forte ficou em completa ruína.

Os canhões foram transportados para o Forte Schoonemberch, bem como o material de construção: telhas etc.

Hoje nada mais resta.

4) *Fortim de N. S. do Rosário*

(Ponta de Jericoaquara (Buraco das tartarugas) próximo a Camocim).

a) Construção, Comandantes, Armamento, Guarnição, etc.

Jerônimo de Albuquerque, em 1613, construiu em Jericoaquara (enseada e ponta situadas entre Acaraú e Camocim) um Fortim, sob a invocação de N. S. do Rosário.

Como obra de defesa era muito rudimentar, pois não passava de uma estacada de pau a pique.

Em 1637 também os holandeses aí fizeram pequenas obras de fortificação, dirigidas por Jacob Evers.

Êsse, alistando índios, seguiu para o Maranhão e lá morreu em luta com os portuguêses.

Em 1655 André de Vidal de Negreiros mandou construir na ponta Jericoaquara uma fortificação permanente, a fim de facilitar as comunicações, por terra, entre o Ceará e Maranhão, servindo êsse reduto de proteção aos portuguêses, que se destinavam a São Luiz.

Parece que as peças para aí transportadas não foram montadas e ficaram encobertas pela areia e outras foram roubadas.

O armamento era mosquete e a guarnição era composta de 40 homens.

Hoje, não há mais vestígios.

b) Comandantes:

Jerônimo de Albuquerque (1613)
Jerônimo de Albuquerque Sobrinho — sobrinho de Jerônimo de Albuquerque (1613-1614).
Manoel de Souza Eça (1614).

c) Sua história

Êsse Fortim servia de ponto de apoio para a vigilância do litoral infestado de piratas franceses e selvagens, e uma base de proteção para expulsão dos franceses do Maranhão.

Os piratas franceses atacaram o Fortim em 1614, mas foram repelidos. Ainda em 1614, seus defensores repeliam um forte ataque de 300 índios.

Em 1637, quando os holandeses ocuparam o Fortim de São Sebastião, na barra do rio Ceará, ocuparam também êsse Fortim. Mais tarde, com a expulsão dos holandeses, foi guarnecido pelos portuguêses.

Nas lutas titânicas contra os franceses e contra os selvagens não podem ser esquecidos os nomes de: Jerônimo de Albuquerque, Manoel de Souza Eça, Alferes Cristóvão Sallares, Sargento Baltazar Fernandes Barreiros e cabos Simão Fernades Botelho, Manoel Dias Guoteres e Francisco de Araújo Moura que, heròicamente, derramaram seu sangue em defesa da terra invadida.

Êsse Fortim foi destruído no dia 12 de outubro de 1614 por ordem de seu comandante, quando daí se retirou para Periá, deixando a costa cearense.

5) *Forte Schoonemberch (holandês) ou Forte de N. S. da Assunção (português)*

Construção, Reconstrução, Armamento, Guarnição, etc.

A 3 de abril de 1649 Matias Bech (holandês) aportou à enseada de Mucuripe, com 3 iates e dois barcos transportando 298 homens.

Daí passou a explorar a costa do Ceará até a barra do rio Ceará, com o fim de escolher um local para construir um Forte. A colina situada à margem esquerda do Pajeú (Marajaih-Ipojuca-Telha e depois Pajeú), e denominado pelos indígenas de Marujaitíba, foi o local escolhido.

A 9 de abril 40 soldados iniciaram a limpeza do terreno, a fim de ser feito o traçado do Forte pelo engenheiro Ricardo Caar.

No dia 22 estava quase concluída a limpeza.

O Forte recebeu a denominação de Forte Schoonemberch, em homenagem ao governador holandês de Pernambuco.

Era pequeno e construído de madeira: estacas de carnaúba e terra. Tinha a forma pentagonal, cercado de parapeito e palisada.

Posteriormente, Matias Beck ampliou e reforçou as obras de defesa, de acôrdo com a planta feita pelo Engenheiro Caar. Essa ampliação foi iniciada em 19 de agôsto de 1649.

De início, foi armado com 11 peças de ferro e guarnecido com 40 soldados.

Em 1645, tendo fim o domínio holandês no Brasil, Álvaro de Azevedo Barreto, que substituiu o comandante holandês Matias Beck, mudou logo o nome do Forte Schoonemberck para Forte N. S. da Assunção.

Nessa época Álvaro de Azevedo Barreto fêz reparos no Forte e deu início a construção de uma Capela.

Em 1655 Álvaro de Azevedo Barreto foi substituído no Comando do Forte por Domingo de Sá Barbosa.

Por Carta Régia de 27 de julho de 1656, foi autorizado a André Vidal de Negreiros, então governador do Maranhão, ao qual estava subordinado o Ceará, a construir um Forte de Pedra e cal ou mesmo de madeira de lei.

No momento não foi executada a construção, continuando o antigo Forte na mesma situação de ruinas.

De 1654 a 1812 êsse Forte foi, ora por outra, reparado. Entretanto, não sendo conservado, nesse ano de 1812, desmoronou-se.

Durante o século XVII os melhoramentos do Forte foram executados nos Comandos de:

Manoel Carvalho Fialho (1662);
João Tavares de Almeida (1666);
Bento Correia de Figueiredo;
João de Barros Braga;
Sebastião Sá (1684).

Em 1708, a planta apresentada pelo engenheiro Diogo da Silveira Veloso para reedificar o Forte de pedra e cal não foi aprovada.

Em 1729, uma comissão de engenheiros, inclusive o Sargento-Mor Diogo da Silveira Veloso, foi contrária à construção de uma Fortaleza de pedra e cal, opinando por reparos a serem feitos, substituindo as carnaubeiras por madeira mais forte.

Em 1749 seu armamento era o seguinte:

a) Peças de bronze:
   2 — calibre — 2"
   2 — calibre — 5"
   1/5 — calibre — 8"
b) Peças de ferro:
   5 — calibre — 10"
   2/7 — calibre — 3"

NOTA — Vencimentos mensais:

a) Cap-Mor da Capitania (que era também o Cmt da Fortaleza): 33$333;
b) Condestável — 1$920 e mais 4 litros de farinha. (Chefe dos artilheiros).
c) Guarnição — duas companhias: 2 capitães, 2 alferes, 2 artilheiros e 240 soldados.

Em 1756, no govêrno de Mountari foi iniciada a construção de um Reduto de madeira e terra batida, que, mais tarde, foi artilhado com 12 peças.

Ainda em 1782 não tinham sido reconstruídas as defesas do Forte.

Em 1790 permanecia a mesma situação.

Em 1799 — 29 de outubro — Bernardo Manoel de Vasconcelos, governador da Capitania do Ceará, reclama contra o estado de ruínas do Forte, bem como comunica ser o seu efetivo muito pequeno:

Cmt (êle próprio)
1 tententе
1 sargento
1 furriel
1 cabo
1 tambor
21 soldados.

NOTA — Ganhava um soldado 8$0€0 por ano.

Nesse ano de 1799, o Forte dispunha do seguinte armamento:

7 peças, sendo uma de bronze, de calibre 7" e 6 de ferro de diferentes calibres:

1 de calibre — 9"
1 de calibre — 8"
3 de calibre — 6"
1 de calibre — 6"
1 de calibre — 5"

Tôdas em mau estado.

Em 1802 foi construído um quartel.

Em 1812, quando era governador Manoel Inácio Sampaio, o Forte estava reduzido a um Reduto de terra batida e revestido de madeira, quase em ruínas.

Assim, desapareceu o ex-Forte Schoonemberch, construído em 1649 pelos holandêses, e que, em 1654, foi denominado pelos portuguêses de Forte ou de Fortaleza de N. S. da Assunção.

Nesse mesmo local foi, em 12 de outubro de 1812 iniciada a construção da Fortaleza de N. S. da Assunção, conforme veremos adiante.

6) *Forte de Camocim* (*Foz do Coreaú ou rio da Cruz*)

Construção, Armamento, Guarnição, etc.

Em 1613 Jerônimo de Albuquerque já havia aportado às praias de Camocim, com a intenção de aí construir uma fortificação provisória, que servisse de base para a expulsão dos franceses do Maranhão.

Entretanto, achou mais conveniente construir na ponta de Jericoaquara, mais a leste, por oferecer melhores vantagens de ordem militar.

Em 1604, por aí já havia passado Pero Coelho.

Não se precisa a data em que os holandeses construiram em Camocim um pequeno Fortim, entretanto, possìvelmente, pode ter sido em 1641, quando o governador holandês do Ceará, Gedean Morris, viajou pelo norte da Capitania, a título de exploração e à cata de riquezas.

Em 28 de fevereiro de 1644 êsse Fortim foi atacado e tomado pelos índios, que trucidaram a guarnição batava.

Chefiava os selvagens, o índio Ticuna que, em 1659, recebeu da Rainha Regente muitas mercês pelos serviços prestados à causa lusitana.

Antônio Teixeira de Melo, que havia combatido os holandeses no Maranhão, mandou ocupar êsse Fortim em nome do Rei de Portugal.

Em 1656 André Vital de Negreiros mandou guarnecê-lo com quatro peças de 6 libras e 25 soldados.

Como o fortim de Jericoaquara, êsse ponto da costa, ocupado e fortificado, facilitava as comunicações do Ceará com o Maranhão, permitindo o comércio dos portuguêses e proteção contra os ataques dos silvícolas.

Em 1687 já tinha êsse Fortim desaparecido, e hoje não há mais vestígios do mesmo.

7) *Forte Real de São Francisco Xavier* (*Baixo Jaguaribe*)

Construção, Armamento, Guarnição, etc.

Por ordem do governador de Pernambuco, Caetano de Mello Castro, a 25 de março de 1695 o cap. Pedro Lelou partiu da Fortaleza de N. S. da Assunção, com um Contigente de 50 homens, a fim de construir um Presídio no baixo Jaguaribe, com a finalidade de terem aí os lusitanos um apoio para pacificar os índios e proteção adequada, em caso de ataque.

Assim, desembarcaram nesse local, pólvora, 4 arcabuzes e 2 armas de pedra, e deram início a construção de um presídio ou Reduto.

O Reduto foi construído a 73 km acima da foz do Jaguaribe e denominado Forte Real de São Francisco Xavier da Ribeira do Jaguaribe, sendo guarnecido por 20 soldados.

Seu comando foi dado ao ajudante João da Mota, por carta Régia de 9 de setembro de 1696.

Em 1697 sua guarnição foi aumentada com mais 30 soldados.

Mais tarde, em 1699, João da Mota foi substituído no comando por Belchior Pinto.

Em 1700 o Fortim foi reconstruído por ordem do Ten-Cel. João de Barros Braga.

Em 1701 Belchior Pinto foi substituído no comando por Plácido de Azevedo Falcão, que aí permaneceu até 1703.

Êsse Fortim foi duas vêzes tomado pelos índios rebelados; e em 1705 foi incendiado.

Em 20 de dezembro de 1705, o governador de Pernambuco, Francisco de Castro Morais, propôs à Metrópole a sua extinção, considerando terem os índios deixado livre o litoral, e assim o Fortim perdia sua finalidade precípua, que era a defesa dos moradores.

Em 1706 comandava o Fortim o cabo Manoel Dias Pinheiro.

Por Carta Régia de 12 de março de 1707, foi o governador de Pernambuco autorizado a mandar abandonar o Fortim, determinando que o cabo Manoel Dias Pinheiro, seu Comandante, fôsse transferido para o Forte do Pau Amarelo, então em construção, nessa época.

8) *Fortificações sumárias do baixo Jaguaribe*

Fortificações sumárias também foram construídas em épocas posteriores à construção do Fortim Real de São Francisco Xavier, já descrito, no baixo Jaguaribe e no litoral, pois, em 1706, já havia sido aviltrada a construção de fortificações nessa região.

Assim vejamos:

1) *Fortim de Aracati* — construído a 5 km da foz do Jaguaribe e armado com 6 peças.

Não há mais vestígios.

2) *Reduto da Canoa Quebrada* — compunha-se de uma bateria (sòmente peças), situada a 2 km e 800 m, a leste do farol da barra do Jaguaribe.

Não há mais vestígios.

3) *Reduto da Barra do Aracatí* — construído na ponta oeste da foz do rio Jaguaribe e guarnecido com canhões de grosso calibre.

Não há mais vestígios, salvo algumas pedras como indício do Fortim que lá existiu. Alguns canhões servem de ornamento à Praça do Mercado, da cidade de Aracatí.

4) *Bateria do Retiro Grande* — situada a 37 km a SO da Cidade de Aracatí, junto a uma enseada e pôrto local.

Teve duração efêmera.

NOTA — Nas praias do litoral da cidade de Aracatí, por muito tempo ainda eram vistos canhões nas dunas.

Observação — Além dessas pequenas fortificações do litoral e do baixo Jaguaribe, na região leste da Capitania, disseminados pela costa haviam cinco Presídios ou Postos de Vigilância — situados na barra do Jaguaribe até à barra do Mossoró, a saber:

1.° no Morro de Massaió
2.° na Coroa Quebrada
3.° na Ponta Grossa
4.° no Morro do Tibau
5.° na barra do Mossoró

9) *Fortificações do Mucuripe (Ponta de São Bartolomeu) Fortim de São Luiz etc.*

Já no comêço do século XVII, Soares Moreno preconizava a construção de fortificações para a defesa da enseada de Mucuripe (chamada pelos franceses de Mocoripá), que deveria ser artilhada com 4 peças.

Em 1696 o capitão-Mor do Ceará, Fernão Carvalho, também sugeriu a construção de fortificações para a defesa do ancoradouro de Mucuripe.

Em 1745 foi apresentada à Metrópole um projeto para a construção de um Forte em Mucuripe.

Em 1799, afinal, foi construída a primeira defesa da enseada — um Fortim, constando de uma "estacada de pau a pique", em forma de octôgono, medindo cada lado 45 metros de comprimento.

Em cada ângulo, voltado para o mar, havia uma canhoneira.

Seu armamento era o seguinte:

Três peças de calibre — 3", duas de bronze e uma de ferro. Êsse Fortim recebeu a denominação de Fortim de São Luiz.

Em 1800 o governador Bernardo Manoel de Vasconcelos alvitrou o aumento de peças da guarnição do Forte de 18 para 26.

Em 1801, reforçando o Forte, o governador manda levantar três baterias de pedra e cal, uma delas foi construída bem próximo ao ancoradouro.

Foi encarregado dessa construção o Ten. artilheiro Francisco Xavier Torres que, com seus soldados, em três meses executou as obras planejadas.

A falta de canhões, em número suficiente para guarnecer as Baterias construídas, o governador Bernardo Manoel de Vasconcelos fêz guarnecê-las com umas peças de ferro cada Bateria e outras de pau pintado de preto, iludindo o inimigo.

As despesas com essas obras foram de 526$930.

No meado de 1802 mais uma Bateria foi levantada para reforçar as defesas do Mucuripe, recebendo o nome de São Pedro Príncipe.

Das Baterias que defendiam a ponta de Mucuripe, três foram denominadas: São Pedro Príncipe,

la Princesa Carlota e São João Príncipe; o Fortim hamado São Bernardo do Governador, e por ficar próximo ao pôrto de São Luiz do Mucuripe, passou ser conhecido também por "Fortim de São Luiz".

NOTA — Nessa mesma época existia na Prainha (Fortaleza) um Fortim denominado Reduto da Prainha, guarnecido com duas peças de pequeno calibre.

Em 1826 as defesas do Mucuripe foram reconsruídas.

Em 1843 o estado dessas defesas era precário quase em ruínas.

Junto às canhoneiras achavam-se 11 peças enerradas na areia. Sua guarnição estava reduzida a ım Tenente reformado-Cmt, 1 Sargento e 4 soldaJos.

Hoje não há mais vestígios.

Há um farol erigido na Ponta do Mucuripe.

10) *Redutos diversos, Fortim, Baterias e preídios.*

Em 1749 existia em Jacarecanga (Fortaleza): ım Reduto denominado Jarecamara armado com duas peças. E noutras partes da costa:

a) O Reduto Novo — armado com 3 peças;
b) O Reduto de Faxina — armado com 3 peças;
c) O Reduto do Pôrto — armado com 2 peças;
d) O Fortim da Bandeira (Mucuripe) — arnado com 1 peça (tinha uma Bandeira amarela, servindo de sinal para os navios);

e) *Em Parazinho* — situado a 68 km a Oeste da Barra do Ceará, existiu uma Bateria passageira até 1829, guarnecida por 2 peças.

Hoje, nada mais existe.

PRESÍDIOS

Como Postos de Vigilância para impedirem o contrabando, foram instalados, na época colonial, na costa norte e nordeste da capitania do Ceará, os seguintes Presídios:

de Pernambuquinho;
de Pontal do Acaraú;
e de Mundaú.

O Presídio de Pernambuquinho, em 1808, era comandado por Joaquim Ferreira de Araújo, e guarnecido por peças da companhia sediada em Sobral.

Hoje não há mais vestígios dêsses Presídios.

11) *Fortaleza de N. S. da Assunção.*
(A última construída no Ceará)

Construção, Armamento, Guarnição, Comandante, Reconstrução, etc.

Como homenagem à data do aniversário do "sereníssimo Senhor Príncipe da Beira, o senhor D. Pedro de Alcântara, em 12 de outubro de 1812, o governador da Capitania do Ceará-Grande, Manoel Inácio de Sampaio, lançou a pedra fundamental da Fortaleza de N. S. da Assunção, no mesmo local onde fôra construído o antigo Forte holandês, denominado Schoonemberch, em 1649, e agora reduzida a uma Bateria em ruínas.

A sua planta foi organizada pelo Ten-Cel de Engenharia Antônio José da Silva Paulet, tendo o mesmo dirigido sua construção.

A Fortaleza seria edificada num quadrado com 90 metros de cada lado, constando de 4 baluartes, três com as seguintes denominações:

O do nordeste com a invocação de N. S. da Assunção, o do sueste com a invocação de São José, o do noroeste — denominado Senhor Dom Pedro,

Príncipe Regente da Beira e o do Senhor Dom Pedro de Alcântara.

A construção da Fortaleza custou ao govêrno a importância de 20:362$390, afora 16:103$264, de donativos de particulares.

Em 1817 foi colocada na parte externa da muralha do norte uma lápide com a seguinte inscrição (em latim).

Ano de 1817

"As naus escarneciam de mim, quando eu era um monte informe: agora, que sou uma grande fortaleza, de longe tomam-se de respeito.

Aqui, reinando D. João VI, Sampaio me fundou bela, o engenho de Paulet resplandece. Os donativos dos cidadãos me tornam forte pelas muralhas, e dos dispêndios reais me fazem forte pelas armas".

NOTA — Essa lápide acha-se no Museu do Estado do Ceará.

De início, foi a Fortaleza guarnecida com 5 canhões.

Em 20 de fevereiro de 1812 pela Metrópole foi determinada ao governador Francisco Alberto Robim que prosseguisse nos trabalhos da Fortaleza.

A 17 de agôsto de 1822 estavam concluídas as suas obras.

Conforme já vimos, era um quadrado com quatro baluartes e foi guarnecida com 27 peças, que cruzam seus fogos em condições de baterem o ancoradouro e Pôrto.

No final da construção os quatro baluartes receberam as seguintes denominações:

— o do Norte — N. S. da Assunção.
— o do Sudeste — São José
— o do Nordeste — D. João
— o do Sudoeste — Príncipe da Beira.

Em 1829 foram acrescidas mais quatro peças, fazendo um total de 31.

Em 1847 foi a Fortaleza reconstruída devido ao seu mau estado; e em 1856 foram feitos alguns reparos.

Em 11 de fevereiro de 1857 a Fortaleza passou à categoria das fortificações de 2ª classe e assim continuou até 1880.

Nessa época estava artilhada com 26 peças de alma lisa e 6 canhões de bronze, raiados, calibre 12", sistema La Hite.

Os calibres das peças de alma lisa eram os seguintes:

4 — calibre — 25"
2 — calibre — 18"
9 — calibre — 12"
5 — calibre — 6"
6/26 — calibre — 3"

Com os reparos e melhoramentos executados de 1856 a 1886 (em 30 anos), a Fortaleza sofreu muitas modificações.

Em 1858 foi estimado seu valor em então 125:000$000.

Em 1906, se bem que conservada, exigia alguns reparos urgentes.

Em 1910 a Fortaleza foi desarmada.

Em 1917, na primeira grande guerra do século, foi a Fortaleza guarnecida pela 1ª Bia Independente — do 3.º Distrito de Artilharia de Costa, sob o comando do Capitão Bernardino Chaves.

Em fins de 1918 essa Bia foi extinta.

O quartel contíguo à Fortaleza, que aquartelava tropa de Infantaria que guarnecia essa Fortificação,

foi ocupado pelo 46.º BI, depois 23º BC. E hoje serve de sede ao Quartel-General da 10ª RM e seus serviços.

Suas muralhas ainda estão de pé e bem conservadas, com alguns canhões servindo de ornamento.

Observações — Do nome da Fortaleza de N. S. da Assunção veio o nome da cidade Fortaleza-Capital do Estado.

A princípio: "Vila da Fortaleza de N. S. da Assunção". Depois "Cidade de Fortaleza de Nova Bragança", "Cidade de Fortaleza do Ceará", "Cidade de Fortaleza" e finalmente "Fortaleza".

As obras da Fortaleza foram concluídas por Pedro José da Costa Barros, em 17 de agôsto de 1822.